

## **Entregues pela contradição: preconceito racial, discurso politicamente correto e manipulação midiática<sup>1</sup>**

Fabiano ORMANEZE<sup>2</sup>

Duílio FABBRI JR.<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

### **Resumo**

Este artigo parte de duas ações de extensão universitária para analisar as relações entre preconceito racial, discursos politicamente correto e manipulação midiática. Para isso, são analisadas duas situações: 1) a repercussão do ingresso da jornalista Maria Júlia Coutinho na equipe do *Jornal Nacional*, tornando-se a primeira negra a apresentar o quadro meteorológico no telejornal e 2) a representação do negro no *Notícia Já*, jornal impresso popular que circula na cidade de Campinas (SP). As duas análises, de caráter descritivo, surgiram a partir de inquietações oriundas de grupos participantes de projeto de extensão ligados à leitura crítica da mídia. Conclui-se que, em ambos os casos analisados, há indícios de manipulação, conforme definida por Chomsky (1979) e de discursos politicamente corretos, mas que representam uma falsa ideia de inclusão social.

**Palavras-chave:** Preconceito; manipulação; discurso.

### **Duas perguntas, um questionamento**

- “Professor, o fato de terem colocado a Maria Júlia, aquela negra, no quadro do tempo do *Jornal Nacional* é manipulação?”

- “Professor, só tem duas fotos de negros nesse jornal que você trouxe. Está aqui, na página de polícia.”

As duas perguntas acima surgiram em oficinas realizadas em dois projetos de extensão da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), SP, cujo foco é a educomunicação como uma prática reflexiva e de desenvolvimento de autonomia para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Comunicação para a Cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp. Professor da PUC-Campinas, com projeto de extensão no biênio 2014/2015. E-mail: [fabiano.ormaneze@puc-campinas.edu.br](mailto:fabiano.ormaneze@puc-campinas.edu.br).

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero. Professor da PUC-Campinas, com projeto de extensão no biênio 2014/2015. E-mail: [duilio.fabbri@puc-campinas.edu.br](mailto:duilio.fabbri@puc-campinas.edu.br).

a leitura e uso das mídias. A primeira delas apareceu em uma oficina sobre as relações entre mídia e manipulação, integrante do projeto de extensão “Reflexões críticas sobre a mídia no processo de educomunicação”, desenvolvido na Escola Estadual Adalberto Prado e Silva. A segunda emerge de uma discussão proposta no projeto de extensão “Comunicação Comunitária e Cidadania: Práticas Educomunicativas no Centro de Assistência Social Copiosa Redenção”, numa oficina que se propunha a discutir as diferenças entre grande imprensa e imprensa alternativa. Os questionamentos tiveram como interlocutor os coordenadores dos projetos de extensão e autores deste artigo<sup>4</sup>. Os dois projetos estão ligados, no biênio 2014/2015, ao grupo de pesquisa “Sociedade mediatizada: processos, tecnologia e linguagem”.

Além desses aspectos em comum, há de se considerar que ambos os grupos envolvidos relacionam-se diretamente com a periferia e com educação: no primeiro caso, trata-se de um grupo de cerca de dez professores que participam quinzenalmente de oficinas e dão aula em escola que se localiza na Vila Costa e Silva, na periferia, bairro historicamente associado à violência e ao tráfico de drogas; no segundo, são adolescentes, ente 15 e 17 anos, que estão no Ensino Médio e vivem numa das áreas mais periféricas de Campinas, conhecida como região Campo Grande, também bastante associada à violência.

O trecho “Só tem duas fotos de negros nesse jornal que você trouxe. Está aqui, na página de polícia” veio de um adolescente negro, ao folhear um jornal, de cunho popular, levado a uma das oficinas. Interessante é notar que essa fala apareceu no mesmo período em que repórter Maria Júlia Coutinho passou a apresentar o quadro de meteorologia no *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, em 27 de abril de 2015, após uma carreira de oito anos em outros telejornais da emissora, como repórter ou apresentadora do mesmo quadro. Cerca de 40 dias depois, a jornalista seria foco de discussões nas redes sociais digitais – importantes balizadores contemporâneos de conteúdo – em razão de posicionamentos racistas de um grupo de internautas<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Fabiano Ormanze é responsável pelo projeto “Comunicação Comunitária e Cidadania: Práticas Educomunicativas no Centro de Assistência Social Copiosa Redenção”. Em parceria com a organização não governamental (ONG), são realizadas oficinas de leitura crítica da mídia e capacitação de cerca de 20 adolescentes para a elaboração de veículos comunitários. Duílio Fabbri Jr. é o responsável pelo projeto “Reflexões críticas sobre a mídia no processo de educomunicação”. Sediado em escola pública, o projeto realiza oficinas de leitura crítica e capacitação para o uso das mídias em salas de aula de Ensino Médio. Também será produzida uma cartilha sobre leitura crítica da mídia.

<sup>5</sup>Mais informações sobre esse caso estão disponíveis em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>. Acesso em: 08 jul. 2015.

Assim, a proposta deste artigo é, além de descrever a discussão sobre o assunto promovida nos grupos dos projetos de extensão, relacionar o discurso politicamente correto com as noções de inclusão e de manipulação. Por meio desses questionamentos, a discussão pretendida neste artigo está relacionada à representação de grupos minoritários na grande mídia e de que forma, nos discursos sociais, essa representação gera sentidos. Seja por meio de discussões de caráter acadêmico ou então por entender a extensão universitária como uma atuação que fortalece, ao mesmo tempo em que se alimenta do ensino e da pesquisa, essa discussão torna-se essencial, pois ler imagens e a compreender os seus possíveis sentidos são habilidades necessárias para desenvolver a capacidade de interagir com o mundo de forma consistente e consciente.

A questão da manipulação é deveras presentes nas discussões sobre a mídia, constituindo-se como um pré-construído, ou seja, aquilo que fala antes, de um outro lugar e que está presente no que é dito, sem que, necessariamente se perceba (PÊCHEUX, 1988). Não por acaso, são muito frequentes relações entre mídia e manipulação nos discursos sociais, na escola e nos próprios cursos de comunicação. Começamos, pois, como um conceito: o que é manipulação? Esse ponto nos faz retomar os questionamentos que abriram este artigo.

### **Manipulação, pré-construído e o politicamente correto: arestas e arrastos**

Antes do simplismo de atribuir ao jornalista o atributo de “manipulador” simplesmente pelo fato de possuir informações que serão (ou não) divulgadas ao público, é importante explicitar, conforme tem sido feito nas atividades dos projetos de extensão, que é o uso de tais informações e as características com as quais serão expostas que constituem o caráter de manipulação. É no embate de interesses que está sua gênese, ou seja, no intuito de servir “apenas aos interesses de uma parte [...] contra os interesses dos receptores” (VAN DIJK, 2008, p. 238).

Abramo (2003) afirma que tudo se passa como se a imprensa se referisse à realidade apenas para apresentar uma outra realidade. O autor lembra que os fatos não são, em si e em princípio, separados em “jornalísticos” e “não jornalísticos”, mas que esse é um processo de seleção e de criação de uma realidade:

É uma realidade artificial, não-real, irreal, criada e desenvolvida pela imprensa e apresentada no lugar da realidade real. A relação que existe entre a imprensa e a realidade é parecida com a que existe entre um espelho deformado e um objeto que ele aparentemente reflete: a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas

não só não é o objeto como também não é a sua imagem: é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real. (p. 23)

Bucci (2000) incorpora a essa discussão um outro elemento: a questão da identificação. Para ele, “além da manipulação, há um processo industrial que promove a identificação entre editores e consumidores sob a égide de mecanismos de mercado que automatizam os efeitos ideológicos da imprensa” (p. 184). É nesse processo de “identificação entre editores e consumidores” de que fala o autor que se encontra o discurso do “politicamente correto” que também é um processo de alimentação dos processos de manipulação.

O “politicamente correto” é uma tentativa de resolver, por meio de ações de linguagem ou de representação simbólica, uma questão que é histórica e que demarca exclusões e posições sociais cristalizadas. É, portanto, uma tentativa de “incluir” forçosamente, para apagar marcas que poderiam aparecer como “preconceituosas” e combatidas socialmente. Entretanto, essa prática tem dois lados: por um lado contribui para a formulação e circulação de novos discursos que auxiliam na queda gradual de preconceitos, mas, por outro lado, pode se constituir como falseamento da realidade: representada como inclusiva, é apenas uma construção simbólica, eufêmica, que não corresponde ao observado no cotidiano, na vida real.

Semprini (1999) lembra que qualquer solução simbólica arrisca-se a um choque contra os hábitos e as práticas sociais. A linguagem nunca é neutra e apenas é testemunha de uma situação de desequilíbrio da sociedade, demonstrando relações de força e poder. Na verdade, o “politicamente correto” é apenas ideologicamente construído e sujeito, como toda a linguagem sempre estará, às marcas do tempo e do espaço. Inconscientemente, submete-se à ação dos atravessamentos, dos lapsos e da historicidade, que constitui todo o dizer, como ensina Pêcheux (1988), no diálogo estabelecido entre a Linguística, a Psicanálise e a História.

É nesse risco de choque contra os hábitos e as práticas que o politicamente correto se afunila com a manipulação. Na tentativa de parecer “inclusiva”, a mídia pode alterar práticas e hábitos que, na verdade, não refletem o que se vê nas ruas ou então buscar transmitir uma imagem que se contradiz com outras práticas, como se verá a seguir, em nossa análise. O politicamente correto pode, em última instância, ser um instrumento de representação, pela linguagem, de um falseamento. Sobre esse assunto, convém lembrar a obra de George Orwell, *1984*. Em determinado momento, o governo autoritário modifica a linguagem, preocupado com o que ela pudesse representar. Era uma preocupação em evitar

que a distinção entre as pessoas pudesse “representar” preconceito. Embora ele exista, pretende-se transmitir a ideia de que não está presente.

A manipulação e os preconceitos, aparentemente minimizados pelo “politicamente correto”, tornam-se ainda mais fortes pelo fato de que nem todos os grupos têm a mesma possibilidade de uso da mídia, por causa das condições econômicas, sociais, políticas e culturais. Nesse sentido, as discussões nos grupos de projeto de extensão de que este artigo é originário têm se pautado no fato de que é preciso criar mecanismos de comunicação alternativa, para que novos discursos possam emergir.

Um dos pontos-chaves é o fato de que os grupos sentem-se vítimas da manipulação porque não veem na imprensa uma representação do que são os bairros ou comunidades em que vivem, dos grupos de que fazem parte, mas apenas um estereotipado olhar atrelado à violência e ao tráfico de drogas. Com as rotulações, há, além de um processo de exclusão, uma diminuição das características de um grupo em detrimento de outro, que se considera superior. “A partir de uma generalização, o preconceito enquadra toda uma minoria. Assim, por exemplo, ‘todos’ os negros seriam inferiores, não só alguns. [...]. E o preconceito é tão forte que acaba assimilado pela própria vítima” (PINSKY, 2011, p. 22, grifo no original).

### **O negro, a (falsa) inclusão e a contradição: o primeiro caso**

O caso de Maria Júlia Coutinho, também conhecida como Maju Coutinho, ganhou relevância social em função de se passar na televisão, na principal emissora do País e no telejornal com maior audiência. A jornalista, ao assumir o posto de “moça do tempo”, foi retratada em vários veículos dedicados a celebridades como sendo “a primeira negra” a apresentar a meteorologia, como um “exemplo de determinação”, com uma “carreira que foi construída passo a passo”, saindo das madrugadas (horário em que apresentava o quadro meteorológico no telejornal *Hora 1*, exibido às 5h) para o horário nobre.

A pergunta do professor participante da oficina sobre a relação entre “manipulação” da opinião pública e a entrada da jornalista no programa pode ser analisada de diferentes formas, das quais selecionamos duas: a) a reflexão sobre inclusão e os discursos politicamente corretos; e b) as estratégias de manipulação.

Do ponto de vista histórico, a entrada de Maju Coutinho coincide com uma política de reafirmação das políticas de inclusão racial na sociedade brasileira: além de uma secretaria de abrangência nacional específica para as questões (Secretaria de Políticas de

Promoção da Igualdade Racial - Seppir), a lei de cotas nas universidades está em vigor no País desde 2002. Por outro lado, essa inclusão do negro ainda é negada pelas estatísticas, que demonstram ganhos financeiros menores do que os brancos, escolaridade inferior e abordagens policiais diferenciadas<sup>6</sup>. Embora sejam mais de 50% da população brasileira, de acordo com o censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ainda são também minoria no jornalismo, como demonstrou o recente perfil do profissional da área, feito pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2012. A pesquisa revelou que os negros representam 5% do total de jornalistas brasileiros, os pardos são 18%. Brancos representam 72% dos profissionais.

Ao mesmo tempo em que a jornalista conquistou o posto, fatos relacionados a programas da *Rede Globo* mostram o choque com outras práticas sociais e com um discurso sobre o negro que não é exclusivo da emissora, mas social e historicamente construído. A entrada de negros à frente das câmeras dos telejornais é um processo bastante lento na história do telejornalismo brasileiro e, por conseguinte, da *Rede Globo*. Durante mais de uma década, a partir de 1971, quando foi contratada, a jornalista Glória Maria foi a única repórter negra da emissora. Heraldo Pereira só se tornaria o primeiro negro a apresentar o *Jornal Nacional* em 2002 e Zileide Silva seria a primeira correspondente internacional negra da emissora somente em 2001, quando cobriu os atentados às torres gêmeas, em Nova York, em 11 de setembro<sup>7</sup>.

Essa disparidade entre o real da população brasileira e o que está demonstrado nos programas televisivos também está presente nas telenovelas da emissora, um dos seus principais produtos, inclusive, vendidos para muitos outros países, o que, em termos de circulação de discursos, significa propagar concepções, visões e imaginário sobre o Brasil.

---

<sup>6</sup> Só para citar um exemplo, a pesquisa 'Os negros nos mercados de trabalho metropolitanos', de 2013, em sete regiões metropolitanas brasileiras, indicou que o negro recebe até 36,1% menos que os brancos, nas mesmas posições e no mesmo nível de escolaridade. A pesquisa é do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Disponível em: <http://www.dieese.org.br/analiseped/2013/2013pednegrosmet.pdf>. Acesso em: 07. Jul. 2015. Do ponto de vista educacional, de acordo com o IBGE, só 4,7% dos negros brasileiros têm curso superior. Entre os brancos, o número ultrapassa 50%. Mais informações estão em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2010/11/pretos-tem-escolaridade-menor-do-que-os.html>. Acesso em: 07. Jul. 2015.

<sup>7</sup> Um breve histórico da presença negra no jornalismo da *Rede Globo* está disponível em especial do jornal *O Globo*. Disponível em: <http://infograficos.oglobo.globo.com/revista-da-tv/jornalistas.html>. Acesso em: 07. Jul. 2015.

De acordo com o *Memória Globo*<sup>8</sup>, site dedicado à história da emissora, a primeira protagonista negra só chegou em 2004, na novela *Da Cor do Pecado*, depois de 54 anos de história do gênero, que nasceu junto com a programação televisiva no Brasil. Se em 1970, a emissora decidiu pintar o rosto de um branco, Sérgio Cardoso, para viver o protagonista de “A cabana de Pai Tomás”, atualmente a controvérsia é outra e baseada em estatísticas.

Da mesma forma que surgiram acusações de preconceito contra Maju Coutino na internet, com direito à manifestação de repúdio da equipe do *Jornal Nacional*<sup>9</sup>, a emissora se contradiz ao colocar no ar a novela *I Love Paraisópolis*, que estreou em 11 de maio de 2015, ambientada na favela homônima, na capital paulista. Na comunidade, a proporção de negros e pardos é de cerca de 64%, segundo o IBGE. Na novela, apenas seis atores negros estão no elenco, todos em papéis coadjuvantes. Mesmo nos folhetins ambientados no Nordeste brasileiro, onde a proporção de negros ultrapassa 70% da população em algumas regiões, as telenovelas globais têm a maioria de seus personagens interpretados por atores brancos.

Entre setembro e dezembro de 2014, outra polêmica – e contradição – marcou a exibição de um programa da *Rede Globo*, apresentado por muitos como uma estratégia de inclusão. A emissora investiu numa série sobre o universo negro, chamada *O Sexo e as Negas*. Ao colocar atores negros como protagonistas, ao mesmo tempo, caiu na implacável artimanha da historicidade como constitutiva dos discursos: movimentos negros criticaram a emissora pelo caráter sexista atribuído às mulheres. O título da série faria, de acordo com interpretações do grupo, alusão ao lugar-comum, usual desde a época escravagista de que, com a mulher negra, escravizada, tudo era permitido, inclusive na esfera sexual. Uma clichê bastante estereotipado que faz menção a esse discurso é o dito “Não sou tuas negas”, ouvido recorrentemente.

A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) abriu investigação para apurar denúncias de discursos sexistas e racistas<sup>10</sup>. A emissora também foi alvo de protestos quando a série estreou e teve sua fachada pichada com a palavra

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em: 10 jul. 2015.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>. Acesso em: 08 jul. 2015.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/09/1514411-seriado-sexo-e-as-negas-e-investigado-por-racismo.shtml>. Acesso em: 9 jul. 2015.

“racista”<sup>11</sup>. Embora houvesse a proposta de haver uma segunda temporada, ela foi engavetada. Por mais que a emissora negue, em sua nota oficial, a existência de racismo ou sexismo, é importante ressaltar que o sentido sempre se constitui na relação, na interpretação, ou seja, é um efeito de sentido entre locutores (PÊCHEUX, 1988). A historicidade e a ideologia marcam as construções de sentido.

No dia 03 de julho de 2015, após os ataques preconceituosos na internet, o *Jornal Nacional* produziu uma reportagem para falar sobre o racismo praticado contra Maju Coutinho. Um vídeo capitaneado pelo âncora William Bonner foi divulgado nas redes sociais digitais na tarde do mesmo dia, com apoio da equipe do telejornal à jornalista. Nota-se, no entanto, outra contradição: junto com o discurso de aceitação, a equipe preparou uma edição com 20 reportagens, mas apenas uma delas, sobre estudantes pobres que fazem cursos gratuitos no Rio de Janeiro, tinha um personagem negro.

### **O negro, a (falsa) inclusão e a contradição: o segundo caso**

Passemos agora ao segundo caso em análise neste trabalho. A observação do adolescente de que só havia duas fotos de negros no jornal levado para a oficina chama a atenção por dois motivos. Em primeiro lugar, o tema do encontro não era preconceito, tampouco manipulação. A oficina tinha como objetivo discutir as relações entre grande mídia e imprensa alternativa, uma vez que um dos objetivos do projeto de extensão é estimular a criação de canais de comunicação pelo grupo. A aparição dessa pergunta num momento de discussão tão díspar demonstra como o sentimento de não-representação é evidente: mesmo com outro foco, a constatação foi automática, espontânea e imediata.

Em segundo lugar, é importante ressaltar que, para a oficina, foram levados diversos exemplares de jornais e revistas impressas e a observação do adolescente surgiu quando folheava o *Notícia Já*, periódico diário de Campinas (SP), que segue a linha dos jornais populares, com notícias curtas, gírias, apelo à sensualidade, e destaque para pautas policiais e de serviços. O *Notícia Já*, publicado desde 2007, se define como um jornal para as classes C e D, nas quais, de acordo com dados do IBGE, estão a maior parte dos negros brasileiros. No entanto, para a edição folheada, do dia 15 de abril de 2015, os negros apareceram apenas em duas fotos de duas páginas dedicadas ao noticiário policial.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/09/1517891-fachada-da-globo-e-pichada-em-protesto-contrasexo-e-as-negas.shtml>. Acesso em: 9 jul. 2015.



Na análise feita pelo adolescente, ficou nítida a falta de identificação entre o que viu no veículo e o como ele próprio se identifica do ponto de vista racial:

Quanto mais exterminável e publicizável for o que outrora era tido como íntimo, privado e pessoal, mais reconhecimento se obtém, e é apenas este tipo de reconhecimento que pode conferir-nos uma sensação mínima de identidade, íntima e fugidia, como qualquer outro produto da mídia, em uma sociedade das imagens e de consumo. (BENEDIKT, 2001, p. 271)

O veículo esbarra-se, portanto, nas contradições próprias do “politicamente correto”: ao mesmo tempo em que surge para ser um veículo para as classes menos favorecidas economicamente, o participante da oficina identificou, na edição visualizada, o lapso de relegar lugares para cada ator social e representá-los a partir de uma historicidade e de uma ideologia que corrompe a ilusão do domínio do que se divulga e como se divulga. Constitui-se, assim, um choque entre o que se compreende como inclusão e as práticas e os hábitos sociais.

### **Manipulação e preconceito**

Já é clássico o texto do linguista Noam Chomsky em que é apresentado um esquema de dez estratégias de manipulação operadas pela mídia. De forma breve, apresentamos no quadro a seguir tal teoria. Na sequência, analisamos os dois casos tratados à luz de Chomsky:

#### **Quadro 1 – Estratégias de manipulação segundo Chomsky**

1. Estratégia da distração	Consiste em manter a atenção do público distraída, distante dos problemas, cativada por temas sem importância. Mantém-se o público ocupado, sem tempo para pensar.
2. Problema-reação-solução	Cria-se um problema para causar certa reação. Isso pode, por exemplo, fazer o público ter opinião negativa ou positiva sobre determinada pessoa ou situação.
3. Estratégia da gradação	Para fazer com que se aceite uma medida ou ação pouco aceitável, ela é aplicada de forma gradativa, a exemplo do que ocorre com os personagens homossexuais nas telenovelas.
4. Estratégia do deferido	Para que se aceite uma decisão impopular, ela é apresentada como “dolorosa e necessária”. Parte-se do pressuposto de que “tudo irá melhorar”. Isto dá mais tempo para acostumar-se com a ideia de mudança e de aceitá-la.

5. Dirigir-se ao público como crianças de baixa idade	De acordo com Chomsky, “se você se dirige a uma pessoa como se ela tivesse a idade de 12 anos ou menos, então, em razão da sugestão, ela tenderá, com certa probabilidade, a uma resposta ou reação também desprovida de um sentido crítico como a de uma pessoa de 12 anos ou menos de idade” (p. 7).
6. Utilizar o aspecto emocional mais do que a reflexão	Utilizar a emoção gera identificação e um sentimento que tangencia a catarse, caminho para implantar ideias, criar desejos e induzir comportamentos.
7. Manter o público na ignorância e na mediocridade	“A qualidade da educação dada às classes sociais inferiores deve ser a mais pobre e medíocre possível, de forma que a distância da ignorância que paira entre as classes inferiores às classes sociais superiores seja e permaneça impossível para o alcance das classes inferiores” (p. 3).
8. Estimular o público a ser complacente na mediocridade	Oferece-se elementos, como pseudocelibridades, para que o público se identifique com o fato de estar na mediocridade e queira continuar nela.
9. Reforçar a revolta pela autculpabilidade	Fazer o indivíduo acreditar que ele é o culpado pela sua própria situação, por causa da insuficiência de sua inteligência, de suas capacidades ou de seus esforços.
10. Conhecer melhor os indivíduos do que eles mesmo se conhecem	O avanço da ciência, das pesquisas estatísticas e dos mecanismos de obtenção de dados sobre os indivíduos oferece à mídia uma grande quantidade de informações, que ajuda a exercer um controle maior sobre os indivíduos do que os indivíduos a si mesmos.

Fonte: Adaptado de Chomsky, 1979.

O uso dos meios de comunicação pode ser sintomático de libertação ou de dominação na sociedade, dependendo de como se recebe a informação transmitida pela mídia, de como ela gera sentidos a partir de uma postura crítica e dos interesses em jogo.

Dentre as estratégias definidas por Chomsky, os dois casos aqui analisados enquadram-se em várias delas. Verifica-se que o tratamento do caso Maju pelo *Jornal Nacional* teve um caráter bastante emocional (estratégia 6) e pouco crítico (estratégia 1).

Além disso, a abordagem como uma celebridade (estratégia 8) é facilmente perceptível no tratamento ao assunto dado pelas revistas e sites dedicados à vida dos famosos.

Não há, nas abordagens sobre o caso, nenhuma reflexão sobre o racismo no Brasil, as estatísticas e as questões econômicas. Por outro lado, há um forte destaque à demonstração de solidariedade e ao posicionamento de Maju, que definiu a situação com a seguinte frase: “Enquanto os preconceituosos ladram, a Majuzinha passa”. Uma rápida consulta a buscadores na internet, com o uso do nome “Maria Júlia Coutinho” também dá conta de que a “*Globo* vai promover Maju após polêmica”, preparando a jornalista para ser, nas folgas dos titulares, apresentadora do *Jornal Nacional*. Novamente, a jornalista é tratada como celebridade pelos veículos de comunicação e a *Rede Globo* lança mão das estratégias 2, 3 e 6. Primeiramente, porque a emissora percebe o grande número de telespectadores que se posicionaram favoráveis à jornalista e, assim, apresenta uma solução ao problema: seu crescimento. No entanto, nota-se ainda que a inserção de negros nos telejornais da emissora e nas funções de maior destaque é um processo gradual, como mostra a história já relatada brevemente neste artigo e também a própria trajetória da jornalista Maria Júlia Coutinho, que iniciou sua carreira em programas de menor destaque. O aspecto emocional surge como uma característica evidente: não se promove uma reflexão, mas o espaço dado à jornalista, tanto para se pronunciar no telejornal, como para ocupar outros postos, garante o efeito de justiça ao público e de aceitação gradual.

Em relação à percepção do adolescente sobre a presença ínfima e preconceituosa do negro nas páginas do jornal, é possível notar as estratégias 1, 6 e 7. Como na maioria dos veículos populares, conforme já demonstraram outros estudos, como Amaral (2006), os problemas sociais são pouco retratados. Os próprios adolescentes do projeto de extensão, em vários momentos, relataram que a mídia transmite uma imagem de seus bairros diferente da que eles têm. Além disso, os jornais populares dão bastante destaque ao noticiário sobre celebridades e criam reações emocionais ao fazer manchetes como “Marmanjo vai em cana levando droga na mamadeira” e “Polícia põe estuprador no xilindró”, que transmitem uma falsa impressão de justiça, mas que vêm acompanhadas de preconceitos e estereótipos sobre questões raciais, ao se tornarem os dois únicos textos do jornal em que negros aparecerem fotografados nas 32 páginas do impresso na data em questão.

### **Da reflexão para a ação de extensão universitária**

Toda a reflexão estabelecida neste artigo surgiu a partir de dois questionamentos, dentro de uma proposta de extensão universitária, reproduzidos logo no início deste texto. Ao articular-se com a pesquisa e o ensino, no tripé constitutivo da universidade brasileira, as ações de extensão devem priorizar a criticidade, o desenvolvimento da autonomia dos grupos envolvidos e a ação transformadora.

Após as discussões sobre os conceitos de manipulação, preconceito e classes hegemônicas, os professores da Escola Adalberto Prado e Silva saíram animados com as novas descobertas e com a percepção de que o senso crítico tinha se ampliado. No encontro seguinte, a surpresa se deu. Um dos professores aproveitou o conteúdo desenvolvido na oficina para abordar a temática do preconceito nas aulas de língua portuguesa no Ensino Médio, com a proposta de elaborar curtas-metragens sobre o assunto. Os alunos, com média de 16 anos, produziram um vídeo mostrando como o preconceito enraizado e a manipulação dos meios de comunicação mantinham “a naturalidade” das ações racistas. O enredo dava conta de uma situação de roubo em que o principal suspeito (não comprovado depois) era negro.

O vídeo, apresentado na oficina seguinte do projeto de extensão, abriu novas discussões para que se pudesse perceber que a manipulação se dá de várias maneiras. Assim, foram analisados textos em plataformas digitais, comerciais de TV, trechos de filmes e até a oralidade, na forma de se referir ou designar uma pessoa ou objeto. Os participantes puderam perceber como a manipulação se dava de forma sutil e quanto é necessário ficar atento com formas de dizer que podem ocultar ou naturalizar estereótipos e concepções preconceituosas.

Nesse encontro, os professores participantes do grupo de extensão também concordaram em criar um site e um blog, no qual todos pudessem fazer comentários, compartilhar e analisar textos que considerem manipuladores e ainda trocar materiais sobre o assunto. Essa necessidade também foi exposta em termos de preparação para que a prática educacional não aparecesse revestida de preconceitos ou de uma falsa aceitação, marcada pelo politicamente correto, mas com nítidos falseamentos.

No grupo do projeto “Comunicação Comunitária e Cidadania”, em que surgiu a evidência da pouca representatividade e do preconceito imbricado na forma de representação do negro no jornal, a discussão favoreceu a abordagem da importância da criação de veículos comunitários. A maior prova disso é o fato de que, na reunião de pauta

para a decisão dos assuntos que seriam veiculados no boletim produzido bimestralmente pelo grupo, ficou decidido que seria feita uma enquete entre os moradores com a pergunta: “O que a nossa região tem de melhor?”. A equipe se comprometeu ainda em procurar por personagens para as reportagens que fossem representativos de todas as etnias possíveis. Isso não se deu a partir da ideia do politicamente correto, em que a inclusão é uma exigência que vem de fora, mas a partir da percepção de que a comunicação alternativa deve ter também como finalidade fazer circular discursos contra-hegemônicos e que mostrem concepções de mundo diferentes daquelas mostradas pela grande mídia.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

AMARAL, M. F. **Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular?** Anais do XXIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares (Intercom). Brasília: UnB, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63557889706955819390718237293726753880.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2015.

BENEDIKT, A. Moralidade e responsabilidade em tempos sombrios. **Sociologias**. Ano 3, n. 6, jul/dez. 2001, p. 266-279.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

CHOMSKY, N. **Armas silenciosas para guerras tranquilas**. S/l, 1979. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/51227265/ARMAS-SILENCIOSAS-PARA-GUERRAS-TRANQUILAS#scribd>. Acesso em: 01 jul. 2015.

ORWELL, G. **1984**. 24 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PINSKY, J. **12 faces do preconceito**. 10 ed. Contexto: São Paulo, 2011.

ROSSONI, R. J. **A escolha lexical quando do uso da linguagem politicamente correta: uma análise de acordo com a teoria das implicaturas de Grice**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Faculdade de Letras, PUC-RS, 2009.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008